

APRESENTAÇÃO

A Árvore

Mamãe está abaixo chorando

Chorando

Chorando

Assim a conheci

Certa vez estava sobre seu colo

Como estou agora sobre uma árvore morta

Aprendi a fazê-la sorrir

A conter suas lágrimas

A anular sua culpa

A curar sua morte interior

Dar-lhe vida era minha vida

(Winnicott, aos 11 anos)

Na data de 22 de setembro de 2005 foi inaugurado o Grupo de Pesquisa *Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica dos Primeiros Anos*, vinculado aos Módulos de Pesquisa da Comissão de Formação Permanente do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. O foco de atenção do Grupo dirige-se ao período inicial da vida psíquica buscando, à luz da psicanálise, constituir um campo de investigação e reflexão sobre a atuação do inconsciente na expressividade do comportamento dos bebês e de crianças pequenas em interação com o ambiente.

Um conjunto de cinco psicanalistas desta instituição forma a coordenação do grupo: Angela M. Rabello, Isabel Cristina Bogéa Borges, Karen Tanhauser, Maria de Fátima de Amorim Junqueira e Regina Celi Bastos Lima.

Reuniões periódicas, ao longo do ano, são realizadas para discutir, pensar, pesquisar e escrever sobre questões suscitadas pelo tema. Uma delas é selecionada para ser aprofundada nas atividades científicas que são promovidas.

Assim, a questão escolhida, e seus desdobramentos, é abordada por psicanalistas ou profissionais de outras áreas, convidados que, tendo um reconhecido saber sobre o assunto, contribuem para o aprofundamento das investigações, ampliando e redimensionando nossas bases teóricas e auxiliando na prática clínica. Estas atividades se resumem a um seminário de curta duração e duas mesas de discussão sobre o tema, realizados em cada semestre, e que são abertas a todos que apresentam interesse pelos assuntos destacados.

Hoje, além do grupo de coordenação, contamos com um número maior de participantes: Isabela Novello, Jane Brener, Maria Eugênia Comalesi, Myrian Martins, Sabrina Toledo, Silvana Sacharny e Teresa Carsalade, que frequentam nossas reuniões, enriquecendo de forma temporária ou permanente nossos estudos, todas filiadas ao CPRJ como membros efetivos ou associados ao fórum.

Esta modalidade de funcionamento está fundamentada em alguns princípios que norteiam nossas ações. Em primeiro lugar, constituir um grupo de pesquisa numa instituição psicanalítica não é algo novo, posto que reflete em nossa prática clínica a transmissão do próprio legado freudiano. Lançado num mundo desconhecido por seu espírito aventureiro, Freud delimitou novas fronteiras no universo psíquico, o que o conduziu à descoberta do inconsciente. A transmissão desta experiência se renova e se atualiza em cada um de nós analistas, quando somos procurados por aqueles que desejam ir ao encontro de si e que, por alguma razão, se vêm paralisados por seus sintomas. Os limites, as interfaces e o manejo desta aventura fundamentam a atividade de pesquisa em psicanálise.

Embora não tenhamos funcionamento similar ao do espírito acadêmico, salvuardamos as marcas desta herança freudiana: o desbravamento para ir ao encontro do novo, a seriedade e o cuidado que esta atividade comporta numa instituição psicanalítica. O que nos diferencia é a organização do nosso grupo de pesquisa no CPRJ, em torno deste período, o da primeira infância, e desta prática clínica, a da intervenção precoce.

Em segundo lugar, o fato de sermos abertos ao ingresso de psicanalistas em geral, não somente daqueles ligados à primeira infância; é por considerarmos que o assunto com o qual lidamos, embora seja relevante para os que se dedicam ao atendimento de crianças, não é particular desta clínica, prestando-se a qualquer modalidade clínica psicanalítica. Dentro do foco deste estudo circunscreve-se: o nascimento do sujeito, a delimitação de referenciais no campo que fundamenta a vida psíquica, as primeiras trocas e experiências que acionam competências para a simbolização enriquecendo-a e a comunicação sutil que se estabelece para além das palavras que, embora privilegiada na primeira infância, marca nossa postura e gestualidade na vida adulta dizendo de nós mesmos.

E, em terceiro lugar, o convite a profissionais de diferentes áreas como neurologistas, pediatras, obstetras, fonoaudiólogos, educadores, doutores da alegria e outros para nossas discussões, o que se fundamenta na convicção

de que a interlocução da psicanálise com outros saberes tem tornado possível postular um novo estatuto para os bebês, conferindo aos mesmos, desde cedo, um lugar de alteridade. Para entender a complexidade da relação mãe/cuidador com seu bebê, é necessária, muitas vezes, uma abordagem conciliante que, diferentemente da multidisciplinar, nos permite uma imbricação entre teorias para compreensão de estruturas complexas.

Estas novas janelas abertas no saber têm corroborado o que alguns autores da psicanálise, como Françoise Dolto, por exemplo, já postulavam através de conhecimentos trazidos pelo próprio inconsciente que, como sabemos, é também uma das formas de apreensão do real. Embora imaturos ao nascer, os seres humanos não são incapazes, têm suas competências trazidas desde o tempo em que estão sendo gestados e conseguem transformá-las em respostas.

A neonatologista Iole da Cunha nos mostra em seu texto *A base biomolecular das emoções*¹, resultado de conhecimentos neurocientíficos, que *os bebês humanos têm uma habilidade inata para a comunicação desde pelo menos 21 semanas de vida intrauterina, o que faz com que tenham emoções que contribuem para o desenvolvimento de seu cérebro*. Ainda neste texto, Cunha faz referência aos estudos de Colwyn Trevarthen que afirma existir um potencial intrínseco para a intersubjetividade que pode se desorganizar, caso falhe o programa epigenético.

Desta forma, a empatia e a intersubjetividade se põem em relevo, fazendo com que a atenção a esta comunicação cuidadores/crianças seja de extrema importância, razão pela qual foi selecionada para ser o tema desta revista. Pela capacidade que os bebês têm de transformar em respostas suas competências, como já foi mencionado acima, podem conseqüentemente influenciar os tipos de cuidados que lhe são oferecidos, indicando uma reciprocidade nestas trocas.

Ao pensarmos hoje sobre as diferentes explicações para nossa existência ao longo dos diferentes momentos históricos e culturais, poderíamos dizer que passamos do “*penso, logo existo*”, da lógica cartesiana da modernidade, para o “*existo onde não penso*” do conhecimento freudiano do inconsciente e, enfim para o atual “*me conecto logo existo*”.

Hoje, portanto, falamos de uma existência encarnada que traz a dimensão da densidade e espessura do corpo, das pulsões, da vida carnal e das marcas dos encontros entre corpos. Encontro que tem, de um lado, os corpos dos adultos que carregam e repassam suas histórias e que, de outro lado, vão viabi-

¹ CUNHA, Iole. A base biomolecular das emoções. In: _____. *Relação mãe-feto: visão atual das neurociências*. São Paulo: Abrep/Casa do Psicólogo, 2003.

lizar, no contato com o corpo do bebê, que este se aproprie de forma original daquilo que o precede, construindo uma história própria, como afirma Bernard Golse².

Neste contexto, o estudo do nascimento do sujeito e a clínica dos primeiros anos circunscrevem seu campo na circularidade que resulta da conexão entre a transmissão psíquica que o nascimento evoca, advinda do psiquismo dos que cuidam, e a singularidade de respostas expressas pelo bebê. Esta conexão se materializa no cotidiano das interações, nos atos diários do cuidar e propiciam o nascimento do eu.

O que os bebês e as crianças pequenas exigem dos que cuidam deles? De certa forma, que sejam continentes da projeção de partes de seu corpo, de seu psiquismo e de seus conflitos, de modo a auxiliá-los em sua integração, o que justifica o apoio de um estudo polifatorial. E, para exercer esta função de contenção, é preciso que entremos em contato com nossas partes mais regredidas para nos identificarmos com o bebê, o que pode nos ameaçar porque toca nos aspectos mais arcaicos, até então recalçados, de nossas vivências, o que nem sempre é fácil, às vezes induzindo mesmo ao evitamento.

Essas vivências íntimas, primeiras e primevas, sucumbidas ao recalque configuram, segundo André Green³, um santuário inviolável – o núcleo da relação com o corpo materno ou corpos que nos cuidam, formando um patrimônio originário constituído de nossa relação com esta realidade que nos afronta e que resultará em nossa forma única de ser, tornando o processo de singularização uma expressão similar ao do processo artístico.

Aos poetas é possível acessar este patrimônio mais facilmente, como Manoel de Barros que “*fotografa existências*” mas, para os que não o são, só certos efeitos deste campo se fazem sentir. Como, por exemplo, os sintomas que nos questionam ou, ainda, em outras expressões cotidianas das quais, muitas vezes, sequer nos damos conta, como: a criança ao brincar, ao modelar e ao desenhar, ou como os adultos, que ao conectarem-se com os bebês, vêem emergir este estranho familiar.

Por tocar no que temos de mais primitivo, é preciso que aqueles, que têm a vocação do cuidar, possam ter um lugar de troca com seus pares, onde seja

² GOLSE, Bernard. O bebê hoje: novos dados, esperanças e frustrações. In: _____. *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo – Coleção Primeira Infância, 2003.

³ GREEN, André. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.

possível perguntarem-se por si mesmos, saber a partir de que ponto está sendo acessado o bebê que carrega este patrimônio originário e buscar *questões e respostas, respostas e questões, questões e respostas...* indefinidamente para o que fazem – como muito bem Winnicott nos mostra em sua poesia apresentada na epígrafe⁴.

O primeiro artigo desta revista, escrito por Silvia Zornig, aborda a questão da ética do cuidar a partir do ponto de vista de um cuidado que respeite a noção de temporalidade, de observação e análise, associando esses elementos à constituição psíquica da primeira infância.

Os quatro artigos seguintes são sobre pesquisas de campo, onde a troca entre pediatras, educadores, mães adolescentes, profissionais de uma UTI pediátrica e psicanalistas pôde transformar a dimensão do cuidado, auxiliando-nos na reflexão do que se passa nestas relações. E, por fim, temos o último artigo referente a uma pesquisa teórica psicanalítica, cujo objetivo é investigar o propalado declínio da função paterna, visto que as relações familiares, onde se dão estas primeiras experiências, estão profundamente modificadas.

A publicação desta revista atinge outro de nossos objetivos, que é disponibilizar o conhecimento adquirido sobre o que investigamos, para que muitos possam se beneficiar do mesmo em atenção à infância. Não só a revista contribui para este fim, como também o acervo de textos, livros e DVDs que acumulamos ao longo desses cinco anos e que se encontra disponível na biblioteca do CPRJ.

É sempre bom lembrar que o período ao qual dedicamos nossos estudos – da concepção até os primeiros seis primeiros anos – é um período bastante esquecido em nossa sociedade pelas políticas públicas. A saúde materno-infantil no Brasil deixa muito a desejar, muitas ações vêm se desenvolvendo em prol deste setor nos últimos anos, mas muito ainda precisa ser feito.

É precisamente neste período que 75% das conexões neurológicas se formam, constroem-se a primeira representação simbólica de si próprio e do mundo, inicia-se a constituição de um sistema para a compreensão de leis e regras e as habilidades cognitivas fundamentais à aquisição da leitura e da escrita, do pensamento lógico e das relações emocionais se desenvolvem.

O que não se percebe – ou não se quer ver – é que as sequelas advindas da falta de cuidado e de cobertura, neste período, podem ser de tal forma profun-

⁴ Poesia apresentada por Victor Guerra, psicanalista uruguaio, em palestra realizada na PUC-Rio, em 2009, sobre a insônia dos bebês, comentando o lugar de terapeuta que muitas crianças são para os seus pais.

da, que posteriores ações educacionais e/ou terapêuticas possam talvez fazer muito pouco para reverter este prejuízo. Muitos estudos também associam a origem da violência a esta falta de cuidado na primeira infância.

Mas, como afirmou Wanda Engel, especialista do BID no combate à pobreza – *é importantíssimo que a sociedade tenha em mente que nunca é cedo para começar, mas pode se tornar irremediavelmente tarde para garantir um futuro melhor.*

É a todas as crianças, mas em especial a estas que mal conseguimos “fotografar a existência”, que dedicamos estes nossos trabalhos.

A Edson Lannes, Paulo Sergio Lima e Silva, Suely Duék e Alba Senna nossos agradecimentos pelo apoio à implementação e continuidade do projeto. A Silvia Zornig e Regina Orth Aragão um carinho especial pelo muito que vem contribuindo para nosso conhecimento. A Luiz Ricardo Prado de Oliveira nosso obrigado pelo auxílio na confecção da revista.

Grupo de Pesquisa
Os Primórdios da Vida Psíquica – Clínica dos Primeiros Anos
18 de agosto de 2010